



No início, eles desconfiam e observam; com o tempo, se soltam, fazem festas e tocam taboca. Se entristeceram quando souberam que Apoena não era mais Presidente da Funai, mas festejaram Denise, que hoje conhece a história da tribo. No desenho do guerreiro João, o deus Tuirá (de tuiraco, ou testículos), escondido durante 20 anos por causa dos missionários.

5 luas e 5 festas na aldeia Pakaa-Nova

Lilian Newlands

ELES são belos, sensuais e reservados. Ainda não se conhece com exatidão tudo sobre sua origem, mas sabe-se que vieram da Bolívia, cruzaram o rio Mamoré e teriam chegado aqui no século 19. Não são tupis nem guaranis. São os únicos do grupo lingüístico Txapakura no Brasil. No início do século ocupavam uma região que ia da cabeceira do rio Paccas-Novos, passava por seus afluentes, prosseguia pela água do Ribeirão e do Lage e alcançava a cabeceira do Mutum-Pataniá.

Nessa época, em plena construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, eles, - belos, sensuais e reservados - saíram de seu refúgio na Amazônia Ocidental e atacaram os trabalhadores da construção cortando-lhes os membros superiores e inferiores. Muitas vezes as cegonhas (locomotivas) eram encontradas com um corpo cravado de flechas - e sem a cabeça. Matavam e morriam naquela região de seringais nativos, que seria intensivamente ocupada durante os anos 50. Até meados da década seguinte praticavam a antropofagia e o último ritual foi em 1965. Eles mesmos confirmaram essa prática em pleno mês de maio de 1986, apesar de, inicialmente, mostrarem inibição em falar sobre o assunto.

A caminho da mata pelo céu

Apoena Meirelles sobrevive a selva amazônica pilotando o PT-FBV, da Funai. O pequeno avião de seis lugares decolou há uns 20 minutos de Porto Velho e está na rota de Guajará-Mirim, cidade fronteira com a Bolívia. Denise, sua mulher, parece ligeiramente inquieta. Deve ser impressão. Há quase 15 anos,

desde que casou-se com o sertanista, Denise já deve ter voado um século de céu, em aeronaves as mais diversas, nas circunstâncias mais imprevisíveis. Como tudo na Amazônia - sempre imprevisível. O Presidente da Funai está tranquilo. Já sofreu quatro acidentes aéreos, já perdeu a rota em pleno vôo esperando o pior, já aterrissou em descampados, já assistiu a pilotos amigos explodindo em suas aeronaves. Homem carismático e intrigante. Inteligência incomum, privilegiada. Um poder de previsão que assusta muita gente e já conseguiu assustar o próprio Apoena. Não deve ter sido mero acaso quando seu pai, Chico Meirelles, resolveu homenagear o cacique Apoena e deu ao filho o nome José Apoena. Em xavante "aquele que enxerga longe". O Presidente mantém a cabeça imóvel, olhar fixo, pensamentos secretos. Como todo piloto no comando de seu vôo. Algumas nuvens fazem a aeronave jogar um pouco. Nada que possa assustar. Mesmo porque não há tempo para medos nesta rápida viagem de 50 minutos, a Amazônia lá embaixo, magnetizando. A voz de Denise quebra o silêncio quando o bimotor sai de dentro das nuvens e o céu volta a ficar azul. Seu comentário: "Enquanto você olhava a mata, eu olhava as nuvens. Agora que já passou eu posso contar. Estávamos dentro das cumulus nimbus e Apoena veio se desviando delas estrategicamente. Essas nuvens são um perigo. Carregadas de eletricidade, capazes de derrubar um Concorde, explodir um Boeing. Qualquer inabilidade, erro de cálculo ou ilusão de ótica do piloto e... boom! As cumulus nimbus prendem a aeronave". Mais cinco minutos e já estamos em terra firme, Guajará-Mirim. Apoena vai para a Ajudância da Funai e Denise nos leva - a mim e ao cinegrafista Pedro - até a Bolívia. Em três minutos a voadeira cortou o Mamoré e nos deixou em Guajará-Mirim. É a Amazônia La-

tina - Brasil, Bolívia e Peru. O pensamento, no entanto, só abriga o amanhã. Amanhã veremos os Pakaas-Novos. Amanhã eles homenagearão Apoena com a Tamará.

Primeiro dia

Muito pouca coisa é necessária para quem toma seu lugar na voadeira manobrada por Chagas, o "dono do rio Mamoré". Uma mochila de náilon acomoda tudo. Algumas roupas, um ou dois livros, lençóis e equipamento fotográfico. Nada de excesso de peso. As expectativas e ansiedades são o único fardo. Há um lugar vazio e, não fosse o telefonema do Ministro Costa Couto, Apoena estaria sentado ali. A essa hora já está voando para Brasília, onde será chamado de "Excelência". Denise supera rapidamente a tristeza. Guajará já está ficando para trás, Chagas acionou o motor de popa e a voadeira desembestou. É o início de uma viagem em que os indicadores do tempo são apenas uma questão de escolha. Denise relembra histórias vividas pelo sogro, Chico Meirelles, que estabeleceu o primeiro contato com os Pakaas-Novos no final dos anos 30, fundou o Posto de Atracção Major Amarante em 1940 e viveu, com a mulher, Agigail, o primeiro encontro pacífico com esses índios. A emoção do sertanista aconteceu, em abril de 1956, há exatamente 30 anos. Quem pode afirmar ser apenas coincidência o fato de estarmos subindo o Mamoré nessa manhã de abril de 1986, no mesmo rio, indo ao encontro dos mesmos índios com os quais o pai de Apoena iniciou amizade que Denise sacramentaria por méritos próprios três décadas depois e que, nesse momento, devem estar se preparando para homenagear Apoena com uma festa que há 20 anos não acontecia? A saga dos Meirelles na região já não pertence apenas a eles.

- O que é a festa do Tamará?

- É a festa do tambor. Um tambor feito de argila e caucho (borracha). Os índios não a comemoravam há 20 anos por causa da influência dos missionários. Não é a única festa deles. Eles retomaram também o Hiroroi, ritual de casamento, encontro dos guerreiros com as mulheres solteiras. E voltaram a cantar e a tocar taboca. Voltaram a ser eles mesmos. Eles mesmos. A voadeira acaba de nos despejar diante deles mesmos, os intrigantes Pakaas-Novos. Foram três horas de viagem entre os rios Mamoré e o Rio Paccas-Novos, onde, à margem esquerda, está o Posto Indígena (P.I.) Santo André. E onde estão, neste momento, dezenas de rostos com expressões curiosas, receptivas. Outras, mais distanciadas, observam. Mas nenhum desses rostos esconde a alegria e o carinho com a chegada de Denise. Mais do que Narimã Tramatiomi (Mulher do Chefe Apoena) ela é alguém que já esteve ali muitas vezes por temporadas grandes. Já levou seus filhos, já enfrentou épocas de chuva; conseguiu, com paciência e compreensão, aguardar sem cobranças o tempo das revelações. Já conhece a língua o bastante para entender e ser entendida. Com ela estão os nomes dos deuses, o roteiro das lendas, as formas dos mitos. Assuntos a que poucos têm acesso. O posto foi construído por Apoena e ali vivem, atualmente, Pascoal Dias (enfermeiro), Maria Dourou Carvalho, (auxiliar de ensino, formada em técnicas agrícolas) e Maria Edinéia (dá aulas de português). Trabalho anônimo, solitário, dividido com a mata. A mesma mata, solene, fértil, protetora, que nos rodeia novamente dentro da lancha voadeira, Chagas no comando, as águas limpas do Paccas-Novos embalando o rápido passeio até o outro posto indígena, o P.I., Negro. Diferente do Mamoré o rio em que estamos agora. O primeiro tem mais de mil metros de profundidade. O que cai no Mamoré não

se encontra nunca mais. E a correnteza está sempre nos lembrando que existe. Como todo rio, o Mamoré tem seus mistérios, a começar pela fauna que o acompanha, que é pobre. O PH de suas águas é ácido por razões até hoje desconhecidas. Conseqüentemente, não há mosquitos. É o início do desequilíbrio ecológico: sem mosquitos, pouco peixe e, portanto, pouca fauna. Toda essa Amazônia é de transição, feita de vegetação entre a mata (floresta de galeria) e a planície dos Mojos. É a Amazônia dos Pakaas-Novos, onomatopáica.

Segundo dia

A Amazônia é a primeira vida que amanece no mundo todos os dias. Quem tem ligação com a terra sente isso, pelo menos quando se está neste lugar onde o tempo é uma sucessão de promessas. As 8h da manhã, Denise começa sua conversa diária com os índios e, hoje, o assunto é antropofagia. No início eles ficam inibidos:

- Tudo bem, Narimã compreendo. Ninguém precisa ter vergonha disso não - diz Denise. Eles contam, então, que o último ritual foi ainda nos anos 60 e quando os parentes morriam a preferência ia para os braços e pernas. Quem conversa mais é Cojicoiam, com a ajuda de um intérprete, pois não fala nada de português. Cojicoiam é um grande pajé, tem o respeito inteiro dos 130 Pakaas-Novos que habitam ali. É paraplégico porque, há uns 10 anos, viu um espírito que disse que ele não andaria mais. Cojicoiam fez todos os exames, foi visto por muitos médicos em Guajará. Não apresentava qualquer alteração clínica, estava perfeito. Mas não andou nunca mais.

Terceiro dia

A notícia chegou aos poucos. Pascoal recebeu-a pelo rádio, passado por Dídimo Graciliano, chefe de Ajudância da Funai em Guajará. Apoena acaba de pedir demissão. Pascoal entrega a mensagem nas mãos de Denise, que me chama até a sala onde conversa com os índios; e me mostra o papel. Discretamente. Continua a conversa com naturalidade e entendo que é para não falar nada. Não ali, não naquele momento. Mas os índios percebem no ar. Nada lhes escapa. Sabem que qualquer coisa aconteceu e magoou Narimã Tramatiomi, que continua falando e escrevendo. Aos poucos, a reunião vai terminando e alguns índios já estão sabendo. Estão com os olhos afilados. Mas, curiosamente, redobram a atenção e o carinho para com Denise. Forma-se à sua volta uma espécie de "exército-Pakaa-Nova", uma miniguarda, especialmente formada ali para atendê-la no que precisar. Tudo feito em silêncio, tudo nas entrelinhas. Denise não parece muito abalada, consegue conter o mundo de indagações que passam por sua cabeça. A noite, ouvimos com alguma dificuldade o discurso do novo Presidente da Funai no rádio de Dourou.

Quarto dia

O programa de hoje é caminhar 30 quilômetros pela mata e conhecer a roça onde trabalham os Pakaas-Novos. Roça de mandioca, macaxeira, milho, arroz, feijão,

banana. Ainda há também plantação, de amendoim. Durante o trajeto - último teste para a resistência física - os índios vão conversando e rindo. A cada quilômetro vai se sabendo mais um pouco sobre eles. Seus deuses não estão no céu, estão no fundo do rio. Deuses subaquáticos. Não conhecem palavras referentes a Norte e Sul, só Leste e Oeste. E outros pequenos segredos como: na mata, o inimigo chega sempre em silêncio e deve-se caminhar olhando ligeiramente para baixo. Conhece uma roça e, pela primeira vez, o assunto sobre a safra de Apoena é abordado frontalmente, pelos índios. De pé, escondido numa árvore, um dos líderes, começa a falar. Seu nome é Othoniel, mas ele agora quer ser chamado de Orom Kúim (Escorpião).

- Nós não precisamos mais Funai. Se Apoena não é mais chefe, nós não precisamos Funai. Presidente nenhum visitou Pakaa-Nova, nenhum. Só Apoena. Não precisamos de ninguém e aqui só entra quem Pakaa-Nova decidir. Vamos nos reunir, trabalhar, plantar, para alimentar nos todos. A terra é nossa, vamos defendê-la de ulam (civilizado). Se Funai dá dinheiro pra outros índios (referindo-se aos xavantes e índios do Xingu) gastar em cidade, não dá pra Pakaa-Nova, então nós não precisamos Funai. Porque o que nós precisamos é de comprar sementes, sementes pra nós alimentar nosso povo.

Quinto dia

Os guerreiros jogam bem futebol. As meninas também. É bonito ver a vida correndo dentro daquele cenário. A língua dos Pakaas-Novos não evoluiu, não mudou, fala-se exatamente como sempre se falou. Daí a dificuldade de entendê-la e aprendê-la. Os índios estão cada dia mais próximos, mais confiantes. Não pedem nada. Conversam sempre. Contaram que conhecem 32 espécies de mel. E que nós vamos voltar "pra cidade" de manhã cedo. Denise distribui os presentes que levou - cobertores, tecidos, meias, camisetas - e faz um discurso improvisado. Todos os olhos se fixam na Narimã loura, de aparência frágil. Ela se esforça um pouco para manter o controle da voz. Se esforça e consegue. Seu pequeno "exército", como num acordo prévio e silencioso, está mais próximo dela do que os demais. Fala-se em "nunca mais vamos nos ver" e eles olham. Não se sabe se entenderam. Para eles pouca diferença faz se Apoena é delegado, presidente ou se trabalha em gabinete. Para eles, Apoena é sobretudo Apoena. E Denise ali apresenta a ele e a ela também. Os Pakaas-Novos sabem que os Meirelles estarão sempre por perto. E abrem o sorriso, acenam e, com os olhos, apenas com os olhos, os belos, sensuais e reservados Pakaas-Novos dizem adeus.

CORREÇÃO

No nº passado a reportagem com Paco de Lucia é de Maria Helena Leitão e a entrevista com Eduardo Galeano é de Fabian Restivo



Os Pakaa-Novos não querem estadia em hotéis de Brasília, apenas sementes. O resto a terra, lhes dá

O País, Rio de Janeiro, 12/13 jun. 1986. Especial - p. 1, c. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.